

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da  
inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015,  
UFES, Vitória-ES**

**A SAÍDA DOS AGRICULTORES BRASILEIROS AO PARAGUAI E O  
RETORNO DOS BRASIGUAIOS AO BRASIL<sup>1</sup>.**

Eliana Jackeline Alvarez Munoz <sup>2</sup>

Graduanda em Ciência Política e Sociologia

Universidade Federal da Integração Latino-americana.

Silvia Lima de Aquino

Professora Adjunta de Sociologia

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

**Resumo:**

O presente trabalho é resultante das reflexões oriundas em uma pesquisa de iniciação científica e tem como objetivo analisar a trajetória migratória de agricultores brasileiros em direção ao campo no Paraguai e seu retorno ao campo no Brasil, a partir do ingresso em acampamentos e assentamentos de reforma agrária, tendo em vista a percepção dos próprios atores sobre este aspecto. Nesse contexto, o estudo dedica especial atenção as redes que favorecem estes processos migratórios, bem como as motivações que impulsionaram esses deslocamentos. O trabalho é baseado em informações colhidas através realização de pesquisa bibliográfica e de dados secundários, e a partir de um trabalho de campo, fundamentado na observação participante e na aplicação de entrevistas semiestruturadas a agricultores que vivem e trabalham no Pré-Assentamento de reforma agraria chamado Nelson Mandela, localizado no município de Lindoeste, pertencente ao estado do Paraná.

Palavras-Chave: Trajetória, migração, agricultores, deslocamentos.

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa é apoiada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) através do Programa de Auxílio à Integração de Docentes e Técnicos Administrativos às Atividades de Pesquisa (PAIP). A apresentação do trabalho é apoiada pela UNILA a partir do edital de financiamento à participação de discentes em eventos científicos.

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica PIBIC-UNILA. Agradecemos o apoio.

## **Introdução**

Migrações podem ser concebidas como deslocamentos de indivíduos motivados pelos mais variados aspectos, dentre os quais encontra-se problemas políticos, sociais e econômicos, pessoais e culturais (SANCHES, 2002). Migrações podem ser internas, isto é, podem representar deslocamentos de pessoas entre regiões de um mesmo país, ou externas ao país, o que implica em deslocamentos que ultrapassam as fronteiras dos Estados Nação. Este é, por exemplo, o caso dos brasileiros que se deslocaram do Brasil para o Paraguai, estudado nesse trabalho.

Conforme Sanches (2002), esses deslocamentos fazem com que os indivíduos se constituam como emigrantes – em relação a zona de origem – e também como imigrantes – em relação a zona de destino. Neste sentido, Sayad (1998, p. 14) acrescenta que “(...) na origem da imigração encontramos a emigração, ato inicial do processo (...), o que chamamos imigração, e que tratamos como tal em um lugar (...), é chamado (...) em outra sociedade (...), de emigração”. Deste modo, o “imigrante, antes de ‘nascer’ para a imigração, é primeiro um emigrante” (SAYAD, 1998, P. 14). Desta maneira, segundo Sayad (1998), não é possível analisar a migração, interpretando os indivíduos que se deslocam ou que deslocaram apenas como imigrantes, na medida em que primeiro se constituem como emigrantes.

Dito isso, o presente artigo tem como objetivo analisar a trajetória migratória de agricultores brasileiros em direção ao Paraguai e seu retorno ao Brasil, a partir do ingresso em acampamentos e assentamentos de reforma agrária, considerando a percepção dos próprios atores sobre este aspecto. O estudo dedica especial atenção as redes que favorecem estes processos migratórios e as motivações que impulsionaram esses deslocamentos. Para tanto, se fundamenta em informações colhidas através realização de pesquisa bibliográfica e a partir de um trabalho de campo junto a agricultores que vivem e trabalham no Pré-Assentamento de reforma agrária Nelson Mandela, localizado no município de Lindoeste, na região oeste do Paraná.

Segundo Sprandel (1998) estes agricultores se deslocaram de outras regiões do sul do país (em especial do Rio Grande do Sul) e em menor quantidade, de São Paulo, para o extremo oeste do Paraná e deste estado em direção ao Paraguai, em uma corrente migratória desencadeada a partir dos anos 1960 e fazem esse caminho até os dias de hoje,

ainda que com menor intensidade. No Paraguai se instalaram em colônias estabelecidas nos departamentos Alto Paraná e Caaguazú. Todavia, desde os anos 1980, muitos destes migrantes, conhecidos como brasiguaios, têm retornando ao Brasil e se instalado em acampamentos de agricultores sem-terra.

Na primeira parte deste trabalho realizaremos um debate teórico sobre categorias relacionadas à migração, de modo a contribuir com a análise das vivências dos agricultores desencadeadas pelos deslocamentos em direção ao Paraguai. Para tanto, nos fundamentaremos em autores como Sayad (1998), Sanches (2002), Grimsom (2011), dentre outros. Este debate teórico será complementado pela discussão sobre o conceito de trajetória elaborado por Bourdieu (2007).

As vivências dos agricultores serão analisadas a partir dos relatos dos mesmos na segunda parte do trabalho, através das entrevistas realizadas durante o trabalho de campo. Nestas análises, papel central será o debate sobre migrações, que, por sua vez, será orientado pelas seguintes questões: Como se dão essas migrações? Os indivíduos migram acompanhados ou sozinhos? Porque estes indivíduos migram? Quais as estratégias empreendidas pelos indivíduos ao migrarem?

O debate sobre migrações tem recebido aportes por diferentes perspectivas. Neste sentido, Amparo Milcota (2005) explica que os estudos sobre a migração têm sido abordados a partir de duas linhas de pesquisa; A primeira conta com um enfoque sócio-demográfico e económico, iniciada por E.G Ravestein, e; a segunda é exposta pela obra de W.I Thomas e Florián Znaniecki que se centram nas implicações psicossociais do fenômeno migratório. (MICOLTA, 2005.p 67).

Assim, a primeira linha tem uma abordagem relacionado as condições objetivas que favorecem os processos migratórios, por isso estuda a migração a partir das desigualdades, sobretudo, econômicas -entre países. Nesta perspectiva, as motivações da migração se fundam nas disparidades regionais em volumes de renda, na disponibilidade de emprego e na inadequada distribuição territorial da força do trabalho (MICOLTA, 2005, p. 67) Segundo autora, esta visão moderna sobre migração, foi estabelecida a partir de parâmetros da escolha racional, de modo que a migração é vista como uma decisão livre, onde o migrante escolhe, dentre diversas alternativas, a mais benéfica para ele, ao menor custo para satisfazer seus objetivos.

Segundo Alejandro Grimson (2011) o debate em torno a definição e estudo das migrações não pode se limitar a obtenção de uma definição apenas enquanto um deslocamento de um lugar para outro, o que consistiria em simplificações do fenômeno, o que levaria pesquisadores incorrer em erros analíticos.

Um exemplo de uma perspectiva simplificadora, de acordo com o autor, são os estudos das migrações como fenômenos de deslocamento do sul a norte, tomando o fenômeno somente como a chegada de população do Sul, apenas a países europeus. Deste modo, desconsidera as dinâmicas das migrações regionais entre países da região, sendo que, aproximadamente, um em cada três migrantes na atualidade, se deslocam entre regiões e países do “Sul” (GRIMSON, 2011). Um exemplo claro desse tipo de migração consiste no caso que este artigo aborda: a migração dos brasileiros que se deslocaram ao Paraguai, e o retorno dos brasiguaios ao Brasil, uma migração entre países do Sul.

Em nosso caso de estudo, os agricultores tiveram diferentes motivações para deixarem o Brasil em direção ao campo paraguaio, porém, na maioria dos casos, a causa da saída foi a procura da propriedade da terra. Apesar das diferenças nas datas de saída do Brasil, os entrevistados relatam que a motivação das migrações foi o desejo de viver melhor, poder comprar terra e plantar, tendo em conta que o Paraguai seria o melhor local para isso.

As facilidades para chegar ao país vizinho e a diferenças no valor da terra constituíram motivações importantes para o deslocamento dos agricultores entrevistados até o Paraguai, na procura de uma melhor vida. Por exemplo os agricultores, G., S e M., S,<sup>3</sup> membros do Movimento dos trabalhadores rurais MST, e acampados no pre-assentamento Nelson Mandela, relatam assim as motivações para a migração para o Paraguai:

Entrevistadora: porque é que vocês decidiram ir para o Paraguai?

G., S: em busca de terra, de possuir um pedaço de terra

Entrevistadora: isso foi em que ano?

G., S: nós fomos em 79´ ou 78, ´ acho que nós fomos para o Paraguai.

Entrevistadora: e como foi que vocês souberam do país?

G., S: já tinha um irmão que estava lá, tinha um irmão meu lá, tinha um cunhado lá e nós fomos também (G., S 02/05/2015.)

Entrevistador: quando é que o senhor foi para o Paraguai?

M., S: fui os 11 anos. Tinha 11 anos quando fui para o Paraguai

Entrevistador: Como que o senhor foi ao Paraguai?

---

<sup>3</sup> Os nomes dos entrevistados neste artigo serão trocados por pseudônimos.

M., S: E daí para começar, meu tio foi embora para o Paraguai (...), chegou e falou que era muito bom, a terra era baratinha para comprar, daí resolvemos ir também, me pai resolveu, meu irmão tinha dois anos, eu, minha mãe e meu pai.

Entrevistadora: E se o senhor lembra em que época foi isso, o senhor tem 38 hoje né? M., S: faz trinta e pouco [anos] (M.S, /02/05/2015)

Os deslocamentos desses agricultores aconteceram em diferentes datas, como se pode perceber nos exemplos acima, no primeiro exemplo a migração foi nos anos 1978-1979, mas no caso do M.S, ele migra, no final da década 1980, corroborando as teses de Sprandel (1998), autora que entende que atores fazem parte de um processo migratório maior que iniciou em 1960 e, que é constante, embora em menor intensidade, sendo o fim o mesmo: a procura de obter a propriedade da terra.

### **Redes de migração**

Para abordar as experiências de migração a partir dos atores, como é o propósito do presente artigo, é imprescindível analisar como esse processo ocorreu. As redes sociais são as conexões que se fazem entre pessoas, instituições, organizações via relações sociais. As relações entre pessoas, sejam de amizade, ou de parentesco são chamadas de redes pessoais. Essas relações são importantes para a migração. Contudo, redes migratórias não se confundem com redes pessoais; estas redes precedem a migração e são adaptadas a um fim específico: a ação de migrar (SOARES,2004). Segundo autor:

Rede migratória, cujas singularidades dependem da natureza dos contextos sociais que ela articula, é também um tipo específico de rede social que agrega redes sociais existentes e enseja a criação de outras; consiste, por tanto, em rede de redes sociais. Rede migratória implica origem e destino e a compreensão do retorno como elemento constitutivo da condição de migrante, o que põe em xeque alguns padrões de análise: assimilação, esforço individual – no limite, a assimilação absoluta representa a negação da própria condição de migrante. É, portanto, a noção de retorno que concede status ontológico à dinâmica migratória; é a nostalgia saudade da origem que confere a uma pessoa sua condição de migrante. (SOARES, 2004, p. 106)

As redes migratórias não são pessoais porque nascem como consequência da falta das mesmas, essa é uma de suas características, é uma rede de redes sociais, por isso ela conecta atores de natureza diversa. As análises dos relatos colhidos em nossa pesquisa nos permitem inferir que a maioria dos agricultores brasileiros quando saíram em direção ao Paraguai, o fizeram com a ajuda de amigos, vizinhos ou parentes que já tinham ido até o Paraguai e falavam que no Paraguai era um lugar bom de viver e trabalhar. Assim o

narram as agricultoras E., S e M.S, atualmente, acampadas no pre- assentamento Nelson Mandela.

Entrevistador: Porque é que sua família resolveu ir para lá [Paraguai]?

E., S.: Falaram que era melhor para viver e meu pai achou que lá iria ser bom, e daí foi lá e trabalhou com menta.

Entrevistador: E como é que era lá [no Paraguai], quando chegaram lá conheciam alguém -?

E.S.: S: Acho que ele [o pai] tinha conhecidos dele que foram primeiro, depois voltou, daí acabou indo junto. 02/05/2015

Para a senhora M., S. Foi diferente:

Entrevistador: como é que vocês decidiram ir ao Paraguai?

E, S.: Ah! Isso foi loucura de meus cunhados, eu não queria ir, não queria ir, mas eles falaram “vamos lá”, os irmãos dele [marido] foram na frente e falaram vamos lá! Vamos lá, porque lá é bom, (...) e fomos.

Entrevistador: E isso em que ano foi isso?

M, S: ah, não sei, a gente viveu 27 anos lá e voltou, faz 12 anos que estamos aqui

Entrevistador: E como que foi que eles descobriram ao Paraguai?

M, S: Eles foram a passear lá (...) (M, S. 02 /05/2015.)

Nas migrações de retorno ao Brasil esses atores ressaltam o trabalho realizado pela frente de massa do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Conforme informações disponíveis no próprio site do MST:<sup>4</sup>

Uma ocupação se inicia com a formação dos grupos de famílias, que inclui a realização dos trabalhos de base e conscientização que se desenvolve nos acampamentos, enfrentamentos, manifestações, negociações, na conquista da terra. Para esse conjunto de ações existe a Frente de Massa, que faz a travessia das pessoas de fora para dentro do MST, que no processo da luta popular, vão se constituindo e criando a identidade Sem Terra.

Tendo em conta que a pesquisa foi desenvolvida em um pré-assentamento de sem-terra, o papel dessa frente de massa é muito importante. A frente de massa, se constitui em um exemplo de rede migratória, seu papel fundamental é ajudar aos agricultores ao retornar no Brasil e inseri-los na luta pela terra. Conforme relatos dos agricultores entrevistados, integrantes da Frente de Massa do MST se deslocam até o Paraguai e procuram agricultores brasileiros que passam por dificuldades em solos paraguaios, apresentando-lhes a possibilidade de retorno ao Brasil a partir do ingresso no Movimento e na luta pela terra.

Para senhor D., S., membro de MST e acampado no pre- assentamento Nelson Mandela, as frentes de massa do MST vem funcionando da seguinte forma:

Entrevistador: a outra vez que a gente estava conversando, o senhor tinha me falado que o MST fazia um trabalho de base lá no Paraguai.

---

<sup>4</sup> Informações disponíveis em: <http://www.mst.org.br/quem-somos/>. Acesso: set.2015.

D., S: (...). Fazia e vai ter que fazer de novo! Hoje os companheiros que chegaram de Curitiba já falaram que cada um dos assentados tinha um compromisso de arrumar pelo menos uma família para vir acampar, porque vai ter muita terra que vai ser desapropriada e que vai faltar gente para futuros assentamentos. Teria que ter um compromisso de massificar, se chama de massificação, você buscar companheiros que tão na dificuldade e que querem voltar ao Brasil  
Entrevistador: E como é que funciona no caso de Paraguai?

D.S: Vai uma equipe, normalmente que já tem alguns conhecidos, tem onde ir, sabe que lá consegue. Tem gente que está direcionada na frente de massa para fazer este trabalho, vai lá conversa, faz o primeiro contato, deixa lá alguém responsável que já tenha interesse. Ele vai multiplicando essa conversa, e vai tentando ver se consegue chamar mais gente para vir, as vezes tem até poucas condições de voltar, então outro jeito se dá, que alguém que dá uma ajuda ou o próprio movimento que levava lá um ônibus e trazia o povo a baixo custo né. (D, S. 02/05/2015)

Quem migra não migra sozinho. Como se pode perceber na teoria e nas vivências dos agricultores entrevistados, sempre tem alguma pessoa que leva o migrante, que ajuda a chegar ao lugar e se instalar. Essas redes se vão construindo, e por isso as redes migratórias não tem que se confundir com as redes pessoais. No exemplo do MST, sua frente de massa trouxe pessoas de diferentes conexões, sejam vizinhos, conhecidos, familiares ou desconhecidos.

As existências destas redes migratórias são indispensáveis para a partida e regresso dos imigrantes. Em nosso caso de estudo as frentes de massa do MST constituem-se como uma rede migratória indispensável para fomentar o processo migratório do retorno dos agricultores que se encontram no Paraguai.

### **Trajetória.**

Para Bourdieu (2006), a história de vida consiste na narração biográfica de acontecimentos e fatos experimentados por um indivíduo no passado que justificam para suas escolhas e, em especial, suas condições no presente. Nestas narrativas tendência é a de que o narrador se converta no ideólogo da própria vida, mediante a seleção de fatos da vida considerados relevantes, de uma forma sequencial e lógica.

Bourdieu (2006) ressalta, que o fato de ter o nome próprio como imposição rígida, permite as pessoas se movimentarem por diferentes capitais sociais dentro de um espaço, por isso a história de vida se encaixa na orientação que se queira dar na pesquisa, sendo este, um dos maiores erros dos sociólogos. Assim, assevera que é mais apropriado, ao invés de falar de história de vida, se referir a ideia de trajetória das pessoas. De acordo com o autor:

As leis que regem a produção dos discursos na relação entre um habitus e um mercado se aplicam a essa forma particular de expressão que é o discurso sobre si; e o relato de vida varia, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, segundo a qualidade social do mercado no qual é oferecido - a própria situação da investigação contribui inevitavelmente para determinar o discurso coligido. (BOURDIEU, 2006, p.188)

Falar de trajetória é uma estratégia para que o pesquisador não caia na produção de um discurso feito pelo indivíduo só com as melhores lembranças lineares de si mesmo, que se encaixem no propósito do que se quer “vender”; Falar de trajetórias como conexão das modificações e experiências ao longo de uma vida permite ter uma maior aproximação do que se quiser pesquisar. Desta forma a trajetória para Bourdieu (2006) é:

(...). Ela conduz à construção da noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um "sujeito" cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. BOURDIEU, 2006, p.189).

Tratando-se de analisar os processos de migração desde a percepção dos próprios atores, como proposto por este trabalho, que analisa os caminhos traçados por agricultores que migraram para Paraguai e tiveram que retornar ao Brasil, a ideia de trajetória, bem como a de redes migratórias consistem em ferramentas que podem facilitar a compreensão dos fenômenos.

### **A trajetória dos agricultores brasileiros que migraram em direção ao Paraguai e dos brasiguaios que voltaram ao Brasil.**

Bourdieu, (2006) expõe a trajetória como uma série de posições ocupadas por um mesmo agente ou um grupo em um espaço em movimento, e que se encontra em contínua transformação. A trajetória se obtém através da história de vida dos atores. Assim, com esse propósito, o entrevistador deve fazer uma análise das posições que estes atores ocuparam em um determinado espaço e suas transformações, não apenas de forma linear.

Em primeiro lugar, nas entrevistas que realizamos percebemos a partir dos relatos, que a maioria dos agricultores entrevistados é originária de Rio Grande do Sul. Deste modo, estes indivíduos, se deslocaram entre estados, em um processo de migração interna, o qual os constituía como sujeitos dentro de seu próprio país, mas inseridos em outros



estados. Entretanto, quando ultrapassam as fronteiras dos Estados Nação e chegam ao Paraguai, passam- a se a constituir como imigrantes neste país.

Entrevistador: Bom, por onde é que a senhora passou antes de ir ao Paraguai, ou como foi que chegou ao Paraguai? Como é que foi essa trajetória?

P., S.: . Nós saímos de lá do Rio Grande, [do Sul] (...). Daí já tinha parentes no Paraguai, (...) eles sempre falavam para mim ir morar no Paraguai, e eu sempre negava, eu não queria, era longe da mais do país né. A gente não era acostumada porque a gente era só no sítio. Aí fomos lá para resolver e de uma hora para outra, fomos para o Paraguai. O que nós não percebemos para ir para o Paraguai foi o tranco na ponte, já não poderia trazer as mudanças normais. Aí mandei na mudança do Rio Grande do Sul e vendemos tudo em uma semana. Aí fomos para o Paraguai. Para ir para o Paraguai passamos pela Argentina, chagamos lá em cima (...). De caminhoneta que mudamos, chegamos aí na Ponte, passamos pela balsa aqui em cima, daí cruzamos e ficamos lá em cima, do Paraguai. Tínhamos um terreno lá no Rio Grande, aí vendemos isso e compramos [a caminhoneta] de um cara aí para nós no Paraguai. (P, S. 02/05/2015)

Em segundo lugar, observamos que os entrevistados sempre ocuparam a posição de pequenos agricultores. A maioria vem de famílias de agricultores, de modo que sua vida tem transcorrido no campo, na lavoura, na terra. Desta forma a procura de ter terra é também a procura por manter sua condição de agricultor.

Essa busca pela propriedade da terra e também da manutenção de sua condição de agricultor, tem levado estes agricultores a se arriscar e se deslocar por vários lugares, deixando atrás amigos, e em muitos casos perdendo comunicação com os familiares. No Paraguai, com a impossibilidade de comprar terra, trabalharam quase sempre de agregados ou em terras arrendadas, o que constitui anos de trabalho e perdas econômicas, além de sucessivos deslocamentos dentro do Paraguai, que levaram estes indivíduos a atravessarem grandes necessidades, com a intensão de conseguir comprar alguma terra. Nos seguintes Exemplos da agricultora V., S, pode se perceber partes dessa trajetória.

Entrevistador: Como chegou no Paraguai

V., S: É assim, meu pai e minha mãe casou lá, daí meu pai tinha uma terra lá no Paraguai, 42 lá na Bananeira, daí até que eu tinha quatro anos eles venderam a terra daí a gente um pouco morava aqui [no Brasil] um pouco morava lá [no Paraguai]

Entrevistador: E seus pais eram brasileiros? O que os motivou ir para o Paraguai?

V., S: Sim, eram brasileiros, acho que foram por ir, né.

Entrevistador: mais ou menos em que ano?

V., S: Eu tinha oito anos de idade quando eu comecei a lembrar ali na fazenda eu não sei (...). Quando eu era pequena morávamos minha mãe, meu pai no Paraguai e minha avó morava em Foz, a mãe da minha mãe. Do lado de meu pai tinha parente meus que moravam lá no Paraguai

Entrevistador: Em que região do Paraguai você se instalou?

V., S: Na Laguna em Itaquí, Gleba 43, Gleba 6. Morei em vários lugares, não tinha parada (...) [O Paraguai] Era um lugar bom ne para morar, tinha bastante serviço depois já ficou mais difícil. Aí eu morei quando estava pequena, eu vim com oito anos para o Brasil porque meus pais se separaram. Daí fiquei até os 12 e daí retornei para o Paraguai. Daí sai de lá com 16

que ia ganhar ele [ se refere ao filho]. Daí voltei com ele novinho e fiquei uns dois meses. Daí volte ao Brasil e não voltei nunca mais ao Paraguai. (V., S. 02/05/2015)

### **A experiência no Paraguai.**

O passo destes agricultores no Paraguai, se viu marcado pelas dificuldades que encontraram ao chegar, muitos concordam com a ideia de que no princípio era bom, mas, que com o tempo morar lá foi sendo mais complicado, e a compra da terra mais difícil. Os trabalhos por eles desenvolvidos foram duros, trabalhos de lavoura no campo, tendo em conta as condições da terra que não estava pronta para plantar. Assim, o trabalho que exerciam se dava, sobre tudo, na preparação da terra de fazendeiros brasileiros para o cultivo. Por isso, quando explicam como era o país em sua chegada e como se constituía o trabalho, fazem sempre referência a uma paisagem de mato, selva.

Entrevistador: vocês nessa terra trabalhavam?

A., S: trabalhavam desmatando, era mato tudo nené, fomos desmatando e quando penso que já estava tudo estocado, só terra mesmo, fui desmatado e cultivado a plantação.

Entrevistador: E essa plantação foi cultivada por quem?

A., S: Tipo ele [fazendeiro brasileiro] pagava nos trabalhávamos (A., S. 02/06/2015.)

Ao mesmo tempo em que as entrevistas nos permitem percebem duro trabalho que os agricultores desempenhavam na preparação da terra para as lavouras, nos põem em contato com as difíceis condições materiais vividas pelos referidos agricultores, o que nos possibilita constatar as dificuldades que os mesmos passaram no país vizinho. Em seus relatos os agricultores entrevistados destacam a falta de serviços, como saneamento básico, água, eletricidade, longas distâncias para ir à escola, ainda mais importante, a impossibilidade de acesso a saúde, situação que fez a muitos dos agricultores a dirigir-se até Foz do Iguaçu para serem atendidos pelo Sistema Único de Saúde – SUS.

Entrevistador: Ali no Paraguai, como eram suas condições de vida, de sua família, como era o local que você morava, me conta um pouco disso.

A., S: Era muito sofrido, lá era sofrido (...) não tinha luz a água nós puxávamos das sangas ali da mina, tinha que ir lá com um balde trazer agua para tomar em casa, para tomar banho tinha que tomar banho no corpo no Arroio, do modo paraguaio né, lá no mato não é fácil é sofrido. ( A., S.02/05/2015)

A maior dificuldade encontrada por estes agricultores no Paraguai foi a falta de cobertura de saúde. De fato, essa falta constitui-se numa relevante causa para as migrações de retorno ao Brasil. Segundo os relatos das entrevistas sempre que os

agricultores precisavam de atendimento médico se deslocavam ao Brasil, porque no Paraguai tinham que pagar pelo serviço.

Na condição de imigrantes, os agricultores não tinham direito a saúde, sendo eles agricultores e pobres não contavam com os recursos para ter atendimento médico no Paraguai. Razão pela qual estes agricultores passavam por grandes travessias para chegar até o Brasil tentando chegar a tempo para o atendimento de suas doenças ou as de seus familiares, e muitas vezes perdendo o doente no caminho.

Quando eu morava no Paraguai minha mãe tinha uma criança pequena né. Daí ela nasceu aqui no Brasil e foi ao Paraguai. Ela viveu 30 dias só. Ela se arruinou de essa meningite sabe né. Daí ela chorava, gritava toda a noite. Daí como a gente é brasileira e o recurso lá [no Paraguai] é difícil né, ela morreu mesmo porque a gente não tinha condições de socorrer ela. Daí, quando a gente estava vindo para ao Brasil naquela tarde a gente teve que pegar uma carona para trazer ela no Brasil, porque a gente não tinha dinheiro para pagar um ônibus, minha família era grande minha mãe era mãe de 11 e meu pai era meio sossegado né. A criança gritava de noite, assim, 24 horas, daí antes de atravessar ao Brasil ela faleceu. Daí minha mãe tinha dado ela para essa senhora que deu a carona para nós. Daí da minha mãe falou “  *você pode pegar ela se ela se salvar* ”. Como ela tinha condição né, daí ela desceu correndo com o carro e pelo lado de Ernandarias ela levou a menina a um hospital lá no Paraguai, mas quando ela levou a menina já tinha entrado na outra e morreu mesmo né ” (A., S.06/06/2015.)

A experiência de vida descrita acima, retrata as dificuldades extremas a que os agricultores brasileiros se encontravam expostos no Paraguai, assim como sua posição de migrante, onde não podia fazer uso de direitos básicos como a saúde, o que os obrigavam a se deslocarem até o Brasil, à procura de conseguir atendimentos para suas doenças, voltando transitariamente ao seu país de origem.

Por outro lado, se pode explicar por meio da trajetória dos atores entrevistados, como é uma experiência de migração, narrada desde sua percepção, nas suas descrições pode se observar as estratégias para se deslocar, suas vivências, os trabalhos e as dificuldades pelas quais passaram, com o fim de conseguir satisfazer sua motivação principal, a aquisição de terra e sua manutenção como agricultor.

### **Considerações Finais**

A motivação principal para a saída dos agricultores brasileiro ao Paraguai é a procura pela terra, a ilusão de no país vizinho conseguir terra que não era possível na sua condição de agricultores no Brasil. Nessa motivação o fator principal é manter sua condição de agricultor, lavrar a terra, plantar e viver melhor. Nos processos de migração

as motivações são a busca de conseguir melhores condições de vida. Cabe ressaltar que para os agricultores brasileiros, viver melhor se traduzia em poder comprar terra, assim, saíram na procura dela.

Por outro lado, a ilusão da propriedade da terra, foi estimulada pelas facilidades que aparentemente se tinham para aceder a ela, diferenças no valor da terra entre o Brasil e o Paraguai e as facilidades para se instalar no país vizinho, ao mesmo tempo, confluíram com a trajetórias desses agricultores, que provém de famílias que tem trabalhado a terra por gerações, e que viam nessas facilidades a oportunidade de manter sua condição de agricultor e ter o sucesso que não poderiam ter no Brasil.

A experiência destes agricultores pode se conceber como uma migração que não foi bem-sucedida, que não conseguiu atingir sua principal motivação e que os levou a passar maiores dificuldades que no país de origem. Nesse sentido, a saúde apresenta-se como uma das maiores dificuldades, e seguindo as narrações dos atores, é possível tomar ela como uma das motivações mais fortes para o retorno ao Brasil.

A má experiência deste processo de migração nos permite, ressaltar a importância das redes migratórias nos deslocamentos, neste caso na migração de retorno. Assim a frente de massa do MST constitui-se numa rede de migração muito importante para esses agricultores que decidiram voltar ao Brasil, ao mesmo tempo, ela é uma frente de massa estratégica para inserir aos agricultores na luta pela terra.

Finalmente, as análises destas experiências guiadas pelas trajetórias dos atores e o estudo das categorias conceituais, nos permite concluir, que a saída dos agricultores brasileiros ao Paraguai se deu pela procura da terra. Ao mesmo tempo, seu retorno foi fomentado por intermédio das frentes de massa, retorno este que se fez por melhores condições de vida, especialmente a saúde, e pela esperança de ter terra, agora no país de origem; o que permite com maior clareza concluir, que este processo de migração tem como motivação principal manter sua condição de pequeno agricultor a partir da propriedade da terra. A migração destes sujeitos em direção ao Paraguai poder ser vista como uma estratégia para esse fim, assim como retorno ao Brasil, pela vontade de lutar como ator político pela terra, neste caso, dentro do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra.

## Referências Bibliográficas

- ABDELMALEK A, Sayad. O que é um imigrante? **Revista Travessia**. n. 7. 1979.  
\_\_\_\_\_. **A Migração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp.183-191.
- CENTRO DE ESTUDOS MIGRÁTORIOS. Brasiguaios, Cadernos de Migração. [São Paulo], v.4, 1989.
- GRIMSOM, A. Doce equívocos sobre las migraciones. **Revista Nueva Sociedad** No 233, ISSN: 0251-3552. mayo-junio de 201.
- GRIMSON, Alejandro. Las culturas son más híbridas que las identificaciones. **In diálogos inter-antropológicos**. 2010
- MICOLTA, Amparo. Teorías y conceptos asociados al estudio de las migraciones. **Revista de Trabajo Social**. No 7. Departamento de Trabajo Social, Facultad de Ciencias Humanas. Universidad nacional de Colombia. Octubre 2005
- MARQUEZ, Humberto. Desarrollo y migración: una lectura desde la economía política crítica. **Migración y desarrollo** vol.8 no.14 Zacatecas ene. 2010
- SANCHES, Erasmis. Apuntes sobre la migración internacional y su estudio: **Definiciones y conceptos sobre la migración**. Universidad autónoma de Zacatecas. Unidad académica de ciencias sociales. 2002.
- SOARES. Weber. Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional. Campinas, v.21, n.1, p.101-116, jan /jun.2004.
- SPRANDEL, Marcia Anita. A terra é estrangeira, mas a da minha roça é igual. In: XXII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Caxambu, 1998. Anais. Disponível em: [www.biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/anpocs/spran.rtf](http://www.biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/anpocs/spran.rtf). Acesso: set. 2015.